

AMBIENTE E ADOECIMENTO MENTAL DE TRABALHADORES DOCENTES - UMA LEITURA PELA VIA DA GEOGRAFIA DA SAÚDE DO TRABALHADOR

John Carlos Alves Ribeiro ¹
Orientador do Trabalho - Eguimar Felício Chaveiro ²

RESUMO

Este artigo se trata de uma revisão bibliográfica narrativa sobre o adoecimento mental de trabalhadores docentes por meio de uma leitura geográfica pela via da geografia da saúde do trabalhador. Tem por objetivo compreender as situações e condições de adoecimento mental de trabalhadores docentes em escolas públicas estaduais de Goiás vista enquanto ambiente potencialmente adoecedores. A escola é vista, portanto, enquanto ambiente e território da ação docente, com o qual este trabalhador experiencia na dimensão da existência. Tal escola, vista como resultado da atual configuração das relações de trabalho típicas do capitalismo contemporâneo, estabelecidas via razão neoliberal, que intensifica e precariza o trabalho e que condiciona o trabalhador docente a situações de potencial adoecimento mental. Esta revisão bibliográfica visa contribuir para a consolidação do referencial teórico da pesquisa de doutorado em andamento, que tem como hipótese central: As condições e estrutura do trabalho docente da escola pública, em função da gestão do Estado e das mudanças na lógica capital/trabalho, bem como os novos ritmos e estilos de vida, têm gerado, em grau deletério e avançado, o adoecimento mental do trabalhador docente.

Palavras-chave: Adoecimento mental, Ambiente, Trabalho docente, Saúde do trabalhador.

ABSTRACT

This article is a narrative bibliographical review on the mental illness of teaching workers through a geographical reading through the geography of worker health. It aims to understand the situations and conditions of mental illness among teaching staff in state public schools in Goiás, seen as a potentially sickening environment. The school is seen, therefore, as an environment and territory of teaching action, with which this worker experiences the dimension of existence. Such a school, seen as a result of the current configuration of labor relations typical of contemporary capitalism, established via neoliberal reason, which intensifies and makes work precarious and which conditions teaching workers to situations of potential mental illness. This bibliographical review aims to contribute to the consolidation of the theoretical framework of ongoing Dorado research, which has as its central hypothesis: The conditions and structure of public school teaching work, as a function of State management and changes in the capital/work logic, as well as new rhythms and lifestyles, have generated, to a deleterious and advanced degree, the mental illness of teaching Workers.

Keywords: Mental illness, Environment, Teaching work, Workers' health.

¹ Graduado e Mestre em Geografia da Universidade Federal de Goiás – UFG e Doutorando pela Universidade Federal de Jataí - UFJ, john.ribeiro@ifg.edu.br;

² Professor Orientador: Professor Titular do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – IESA, da Universidade Federal de Goiás - UFG, eguimar@hotmail.com.

Pressão por produtividade, carga horária real ampliada, discurso meritocrático, gestão de perfil gerencialista, sistemas de controle, vigilância sobre a atuação docente, insegurança e violência, intensificação do trabalho, imersão forçada e brusca no uso das TDICs, subjetividades abaladas pela pandemia, pelas perdas, pelo cenário político e econômico atual. Tudo isso faz parte da realidade da escola contemporânea, especialmente a escola pública que tem sido apropriada pela economia neoliberal. E é apesar disso e frente a tal cenário que o trabalhador docente precisa buscar a garantia de sua existência enquanto sujeito/trabalhador, a partir de sua atuação enquanto docente em seu ambiente de trabalho, no espaço escolar e nos demais espaços, lugares e territórios que compõem suas cartografias existenciais.

Tornando ainda mais complexo esse ambiente temos também a extensão da realidade via ciberespaço, por lugares diversos, espaços complexos, onde cada um busca o conforto da concordância e das narrativas que lhes agradam, em suas bolhas e comunidades. Para garantir esse conforto a regra é massacrar e inviabilizar o contraditório. Os radicalismos da era das redes sociais, a cultura do cancelamento e do apagamento do outro, como parte do descolamento da realidade, estão presentes também nos ambientes escolares e na realidade profissional do trabalhador docente e de diferentes formas.

Esse novo cenário faz parte da complexa realidade do trabalhador no capitalismo contemporâneo, que vem sofrendo drásticas mudanças nas relações e condições de trabalho desde os anos 1970, mas com algum acirramento a partir do início dos anos 1990, como parte das políticas neoliberais implementadas mundo a fora e com muita força em nosso país. A partir de 1996, com a elaboração e promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, a educação brasileira passou por várias transformações, alinhando-se ao modelo de escola Neoliberal, sob a pressão de organismos internacionais como o Banco Mundial, sob a influência de grupos privados com interesses na educação (Fundação Lemann, Itaú-Unibanco, Todos pela Educação etc.), via sistemas de avaliação (PISA, ENEM, ENADE, PROVA BRASIL, SAEB, etc.) e a imposição da lógica de mercado, fazendo da educação apenas mais uma mercadoria a ser ofertada no mercado e acessada por meio da compra, substituindo-se assim o valor de uso pelo valor de troca (LAVAL, 2019).

Por essa nova realidade, ser professor passou a ser sinônimo de trabalho por muitas horas (carga horária de até 60h semanais para se obter uma renda razoável), sob alta pressão (cobrança por produtividade, cumprimento de metas, manutenção de frequência – mesmo sob condições de adoecimento -, uso de bônus como estratégia para intensificação de trabalho,

cobranças quanto à melhoria dos números educacionais, etc.), sem segurança em muitos casos e sem condições adequadas para atualização e formação continuada, exatamente pelo intensificação do trabalho e o aumento da carga horária para aquisição de melhor remuneração. Realidade tal que já vem sendo apontada como causadora de situações de adoecimento e sofrimento mental em alguns estudos, como os de BACCIN; SHIROMA (2016); e FREITAS; FACAS (2013).

Partindo desse contexto, a presente pesquisa tem como foco as diferentes formas em que a intensificação do trabalho, dada pelo novo contexto legislativo e de políticas públicas educacionais, dado pelo avanço do neoliberalismo sobre a educação pública brasileira (FREITAS, 2018; LAVAL, 2019) e as condições de adoecimento mental de trabalhadores docentes de escolas públicas estaduais em Goiás. Cabe destacar que esta pesquisa se justifica pelo fato de vivermos um momento de cada vez maior complexidade da escola enquanto espaço em que se dá a educação formal (processo de ensino-aprendizagem, processo de socialização e formação humana para o exercício da cidadania e para a vida). E tal complexidade tem resultado em mudanças de ritmos, intensidade, funcionamento da atuação docente no chão da escola.

Os estudos realizados até o momento mostraram que a escola enquanto espaço, lugar, território e ambiente, tomados como conceitos da ciência geográfica, têm passado sido alvo da iniciativa privada, tanto enquanto atividade apropriável economicamente, quanto como campo de disputa ideológica. Sob esses dois aspectos a escola precisa ser pensada enquanto espaço que se produz e reproduz no cotidiano por meio da reprodução da vida, que se dá por meio das relações de trabalho e de consumo e como os sujeitos relacionam uns com os outros na perspectiva existencialista (CARLOS et. al., 2017).

Seu objetivo, portanto, é refletir sobre as situações e condições de adoecimento mental de trabalhadores docentes e suas possíveis relações com as mudanças no contexto legislativo e de políticas públicas educacionais e a consequente intensificação do tempo e dos ritmos de trabalho do docente no espaço escolar. Tem como objetivo também a busca por compreensão das consequências das transformações recentes da educação e da sociedade brasileira que impacta a vida e a saúde mental dos trabalhadores docentes, para com isso consolidar a base teórica servirá de sustentação para a elaboração da tese de doutorado em desenvolvimento³.

³ Esse texto foi produzido como parte do primeiro capítulo, de embasamento teórico da pesquisa: *Adoecimento mental de trabalhadores docentes em Goiânia - 2018/2021: um olhar geográfico pela via da saúde do trabalhador*, conduzida a nível Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGGEO, da Universidade de Jataí.

Para a sequência da pesquisa e para atingir tais objetivos buscou-se por respostas às seguintes questões problematizadoras: Em que medida as mudanças recentes da educação pública estadual, especialmente às de legislação educacional e políticas públicas voltadas à educação, têm impactado as relações de trabalho docentes que poderiam configurar situação de adoecimento mental desses trabalhadores no espaço escolar enquanto ambiente de atuação docente? Por essa nova configuração da educação, seriam as escolas ambientes adoecidos e adoecedores? Como o trabalhador docente tem lidado com tais mudanças? De que formas as mudanças recentes da escola e da sociedade compõem as existências e resistências dos trabalhadores docentes?

Por fim, esse texto visa contribuir para a compreensão das condições de adoecimento mental entre trabalhadores docentes e para o enfrentamento desses trabalhadores quanto às condições ambientais⁴ que possam afetar sua saúde ou lhes causar tais situações de adoecimentos. Ou seja, almeja contribuir para a construção e consolidação de elementos que componham uma geografia da saúde dos trabalhadores docentes.

METODOLOGIA

Para elaboração desse texto, bem como dos demais capítulos de embasamento teórico do estudo em andamento, foi realizada pesquisa bibliográfica, por meio da técnica de revisão bibliográfica narrativa, ou seja, por meio da escolha de obras (artigos acadêmicos e livros) que abordem o tema pelo prisma do método adotado na pesquisa de doutoramento. Como o método de análise da pesquisa será o materialista histórico-dialético, em aproximação com uma perspectiva existencialista sartreana, os textos escolhidos precisaram deixar contribuições sobre a temática por este prisma para construção do que Chaveiro e Vasconcelos (2018) denominaram de Cartografias Existenciais dos trabalhadores docentes, o que servirá para a compreensão das condições e situações de adoecimentos mentais de trabalhadores docentes de rede estadual de educação de Goiás.

Foram escolhidos artigos dos últimos 10 anos que tratassem dos seguintes temas: as mudanças recentes na relação capital/trabalho e na profissão docente; intensificação e precarização do trabalho e do trabalho docente; mudanças impostas à profissão docente por força de lei, especialmente as reformas trabalhista e da previdência, a criação da BNCC e da BNC-Formação e a Reforma do Ensino Médio e legislações estaduais e políticas públicas

⁴ Ambiente nesse texto será tratado sempre na perspectiva de Marcelo Lopes de Souza.

educacionais nacionais e estaduais; saúde do trabalhador como direito humano; e o adoecimento mental de trabalhadores docentes.

Após as leituras foram estabelecidas relações entre os textos lidos com o cenário atual da profissão docente, compreendido tanto a partir da experiência de docência acumulada nos últimos 20 anos, bem como dos estudos das legislações específicas voltadas à educação pública nacional e, em específico, à educação pública estadual em Goiás. Foram traçadas também relações entre as mudanças impostas pela fase atual do modo de produção capitalista aos ambientes de trabalho em geral e, especialmente, na escola, ou seja, nos ambientes vivenciados pelo trabalhador docente. Por fim, essas leituras serviram para a consolidação de premissas e pressupostos teóricos que estão contribuindo para reflexão sobre a seguinte hipótese: *As condições e estrutura do trabalho docente da escola pública, em função da gestão do Estado e das mudanças na lógica capital/trabalho, bem como os novos ritmos e estilos de vida, têm gerado, em grau deletério e avançado, o adoecimento mental do trabalhador docente.*

REFERENCIAL TEÓRICO

Para uma leitura da realidade do trabalho docente em meio a tantas transformações da profissão e dos ambientes escolares, buscou-se nos autores estudados a sustentação para as premissas que orientarão a reflexão sobre a hipótese apresentada. Com Chaveiro e Vasconcelos (2018), buscamos embasamento para leitura das cartografias existenciais dos trabalhadores docentes atuais, especialmente os trabalhadores docentes da rede pública estadual de Goiás, para entender como estes constituem-se como sujeitos/trabalhadores diante das mudanças recentes na relação capital/trabalho e nos ritmos e estilos de vida dos sujeitos que compõem o espaço escolar enquanto ambiente-território no contexto da educação neoliberal que tem sido implantada em nosso país (FREITAS, 2018; LAVAL, 2019).

Para Chaveiro e Vasconcelos (2018), pessoas são prenúncios, pois enunciam sua experiência de vida como subsídio para a luta por dignidade humana; são museus, pois carregam histórias pessoais de vida; são processos, pois constituem-se por uma lógica determinada no lugar do ser, no espaço do fazer, no território do haver, na escala do ter, resultando sempre em sítios simbólicos de pertencimento; são paisagens, carregadas de trajetórias e processos de vida, ou de uma caminhada existencial enquanto corpo histórico; mas pessoas são também planos de ação, planos de trabalho, pessoas são histórias, ou seja, são suas formas de lidar com sua própria existência aprendendo com ela e com todo o processo de trabalho impregnado em seus corpos como “essência material de causação da vida”, ou seja,

As pessoas são histórias de vida, ou experiências de existir em uma sociedade desigual de trabalhadores como peças simbólicas de estruturas sociais. (CHAVEIRO; VASCONCELOS, 2018).

Esses autores tomam como referência o existencialismo expresso em Sartre, no texto, “O existencialismo é um humanismo”, para tratar de como são constituídas as subjetividades na sociedade contemporânea, para o enfrentamento de determinadas condições de existência. No texto citado, para pessoas com deficiência, e neste aqui seguiremos caminho semelhante quanto aos trabalhadores docentes em seus ambientes de trabalho, no espaço escolar.

Espaço escolar este, impactado diretamente pelo que Laval (2019) vai denominar de escola neoliberal, que possui configuração voltada à lógica de mercado e que potencializa a reprodução escolar, para atendimento das necessidades de reprodução de capital, o que reforça a desigualdade. Nessa *nova ordem educacional mundial*, que está, segundo o autor, muito presente no sistema educacional brasileiro, o resultado é um sistema educacional altamente hierarquizado e desigualitário, impregnado por uma mercadorização da educação.

Ricardo Antunes (2013, 2018), nos deixa contribuições quanto à precarização do trabalho em suas diversas formas e acepções, que compõem o novo metabolismo do modo de produção capitalista. Para o autor, servindo-se de leituras de Marx, Mészáros e outros autores também marxistas, o sistema de metabolismo social do capital⁵, historicamente constituído, nasceu com a divisão social que operou a subordinação estrutural do trabalho ao capital e hoje vem sofrendo transformações marcantes, no sentido de uma crise estrutural do capital.

Toda essa nova configuração da relação capital/trabalho servirá ao longo da pesquisa como pano de fundo para a análise e compreensão da realidade vivida pelo trabalhador docente no chão da escola e como isso tem afetado sua saúde mental. Isso considerando o que Dardot e Laval (2016) denominam de subjetivação neoliberal, ou a forma como a estrutura atual do modo de produção e circulação de capital no capitalismo busca criar o sujeito que atenda a sua própria necessidade, ou seja, com a atitude necessária para viver sob a lógica neoliberal, que colocam logo no título de sua obra como “A nova razão do mundo”, a razão neoliberal. E a partir também da leitura de Souza (2019, 2022), a partir do qual o espaço escolar será abordado aqui ora como território, ora como ambiente.

Dessa forma o espaço escolar será visto como território enquanto espaço no qual se materializam as relações de trabalho, enquanto espécie de “campo de força”, ou relações de

⁵ Que Antunes defende que se transformou em algo pior, chamando-o em outra obra de *metabolismo anti-social do capital* (ANTUNES, 2020).

poder autônomas ou heterônomas, entre aqueles que realizam o trabalho intelectual na escola e aqueles que o querem vender como mercadoria ou apenas utilizá-lo como meio para exercer a dominação. (SOUZA, 2019). Mas será visto também como ambiente, enquanto espaço em que se dão as relações sociais e culturais típicas do metabolismo ecológico-social⁶ das relações sociais tipicamente capitalistas, o que poderíamos dizer que são as relações que seguem a lógica atual do modo de produção capitalista de produção. Espaço, portanto, no qual o trabalhador docente, sujeito e componente da sociedade, experiencia as sensações que o constituem enquanto subjetividade, enquanto existência perante a si mesmo e ao outro, enquanto ação prática, que se humaniza diante dos desafios impostos por sua história de vida, enquanto se faz professor.⁷

Sendo assim, buscamos em Souza (2019, 2022) o conceito de ambiente enquanto conjunto das relações sociais em seus territórios e lugares. Visto dessa maneira, o conceito de ambiente será tratado aqui como possibilidade para a análise das relações humanas em qualquer escala, cobrindo qualquer aspecto das relações de vida em sociedade e desta com o que se convencionou chamar de Natureza, por um dualismo que próprio autor condena. Dessa forma, sendo usado, inclusive, para análise das relações sociais oriundas do que Marx denomina de Metabolismo Social⁸, que se dão dentro das escolas, como o trabalho docente enquanto parte do trabalho em geral, que constitui esse metabolismo, dentro do que será denominado ao longo da pesquisa como Ambiente Educacional.

Essa abordagem precisará, para tanto, de uma leitura a partir da geografia da saúde do trabalhador, que visa ampliar o debate da geografia da saúde levando-se em conta as relações de trabalho por uma aproximação entre as teorias de base marxista, do trabalho como valor de uso e de troca e como base para a reprodução da vida e das relações sociais capitalistas, e o existencialismo sartreano, que vê o homem como ser lançado no mundo, que existe perante si mesmo e aos outros e que se coloca diante do mundo a partir das singularidades que o constituem enquanto existência.

Sendo assim, buscou-se entender o espaço escolar como território em que se materializam diversas relações de poder autônomas e heterônomas e que, enquanto ambiente educacional, configurado pelo que Antunes (2020) denominou novo metabolismo social do capital, ou metabolismo anti-social do capital, que coincide com os processos apontados por

⁶ Denominação cunhada pelo autor nas duas obras citadas (SOUZA, 2019, 2022).

⁷ Tratando o sujeito aqui na perspectiva de Sartre (1970), no já referenciado texto “O existencialismo é um humanismo”.

⁸ Ver Marx (2014) e MÉSZÁROS (2002).

Laval (2019), de constituição da educação neoliberal, será necessário refletir sobre como a saúde do trabalhador se encontra nesse contexto, ou que resulta dessas novas relações dentro do que Dardot e Laval (2016) denominam de processo de subjetivação neoliberal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das leituras já realizadas e do debate possível pela aproximação entre as teorias que sustentam os textos lidos e que, por sua vez, nos permitem olhar para a escola enquanto ambiente educacional e tentar entender as condições e situações de adoecimento mental de trabalhadores docentes, buscaremos aprofundar as reflexões a partir da elaboração e análise de cartografias de trabalhadores docentes da rede pública estadual de Goiás⁹. Porém, diante dessa afirmação, cabe a pergunta: como as cartografias existenciais dos trabalhadores docentes poderão ajudar na compreensão dos processos que podem afetar a saúde dos trabalhadores? Caminharemos na direção de uma resposta possível com a ajuda de abordagens na perspectiva da saúde do trabalhador.

Para Vasconcelos (2022), a saúde do trabalhador precisa ser vista como um Direito Humano, pois o trabalho no capitalismo é sinônimo de exploração e dominação, que se dá também pelo primado da lei e do direito. Para o autor, “se o limite da exploração e opressão no mundo do trabalho depende do direito, então esse direito que está aí tem que ser no mínimo ampliado ou, se possível, modificado.”

O autor segue ainda sustentando que o trabalho é parte do que nos constitui enquanto seres humanos. Ontologicamente falando, o trabalho constitui nossa existência. E assim sendo, o trabalho precisa de uma configuração que garanta a existência humana com dignidade. Para Vasconcelos (2022) precisamos enfrentar as diversas “estratégias do capital para burlar e revogar os direitos que já são limitados: informalidade, neoliberalismo, destruição da estrutura sindical, terceirização, reestruturação produtiva, precarização, automação etc.”, numa busca de resgate da alma dos trabalhadores, ou seja, do sentido próprio de suas existências.

Para Vladimir Safatle (2020), o momento atual do capitalismo neoliberal é causador de sofrimento psíquico. O autor aborda um sistema de engenharia social como forma de imposição do neoliberalismo como economia moral, que resulta em uma forma de criação e reprodução de situações de adoecimento. Utilizando-se de uma mobilização massiva de discursos

⁹ Essa etapa só ocorrerá ao longo da pesquisa de doutorado em andamento.

psicológicos e morais para justificar o contexto de exploração e dominação, transferindo sentimentos de culpa para o sujeito que não aprende a naturalizar a condição de explorado.

Vista dessa forma, a recusa, por quem quer que seja, do primado da propriedade privada e da competitividade passa a ser colocado não apenas como um equívoco econômico, mas como falta moral. Isso impele o dominado a querer se comportar como dominante e sofrer não só com as dificuldades impostas pela condição de explorado, mas também por não se reconhecer como tal e não conseguir se converter à condição de dominante (SAFATLE, 2020).

Em mesma obra e com olhar semelhante, Dunker (2020) afirma que a partir de 2008, ocorre uma mudança substancial nos processos de normatização das formas de sofrer e nomear o sofrimento. Para muitos psicanalistas desse período o “neoliberalismo teria colocado em xeque a ‘subjetividade do recalque’ para dar lugar à ‘subjetividade do gozo’.” O que teria permitido a emergência de novas formas de sofrimento e adoecimento psíquico. Dessa forma, sobre a perspectiva neoliberal o sofrimento psicológico e a psicologização do fracasso laboral, afetivo e discursivo são colocados como um problema da moralidade individualizada, o que alimenta a busca por superação dessa condição, reproduzindo o sofrimento.

Pierre Dardot e Christian Laval (2016) tratam esse momento como de consolidação de uma nova racionalidade que orienta o modo de produção capitalista, com a qual é produzido o novo sujeito que atenda as necessidades do capital, o sujeito neoliberal. Este novo sujeito caracterizado pela busca incessante por desempenho e gozo, competitivo por natureza, é o sujeito que encara sua liberdade como a forma pela qual busca a realização de seu desejo, se expondo ao máximo, se colocando numa condição de alienação jamais vista. O resultado disso é um sujeito sempre em busca de si mesmo, produzindo e reproduzindo desejos que, na maioria das vezes, não consegue alcançar por completo.

Aqui temos como resultado situações e condições que potencializam os riscos de adoecimento mental tanto pela pressão constante por resultados, como pelas frustrações de não realização dos desejos criados. Sendo assim, trataremos a escola enquanto espaço escolar e ambiente educacional a partir desse olhar, que a vê sendo constantemente ameaçada e modificada por propostas de leis e políticas públicas que ampliam os riscos a situações e condições de potencial adoecimento mental de trabalhadores docentes. Ou seja, como um espaço no qual a saúde do trabalhador enquanto direito humano está constantemente sob ameaça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser um trabalho de revisão de literatura não se pretende um possível esgotamento da temática ou mesmo uma consolidação de teses. Todavia foi possível consolidar alguns dos pressupostos que servirão como base para a sequência da pesquisa de doutorado em andamento. Foram estabelecidos também caminhos para consolidação de premissas que conduzirão as análises que se farão necessárias. E, além disso, despontaram outros elementos que merecerão atenção e que poderão ser abordados em outro momento, para compreensão dos processos presentes nos ambientes educacionais contemporâneos e nos espaços escolares enquanto territórios da atuação profissional do docente.

Em momento oportuno serão realizadas leituras sobre os efeitos da economia da atenção e das relações mediadas pelo capitalismo de plataforma enquanto criador, reproduzidor e mediador dos desejos. Esse aspecto será utilizado para aprofundamento da segunda parte do capítulo do qual este texto faz parte.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. Coimbra-Portugal: Edições Almedina, 2013.

_____. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital** [recurso eletrônico]. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. (Org.) **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0** [recursos eletrônicos]. - 1. Ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

BACCIN, E. V.; SHIROMA, E. O. **A intensificação e precarização do trabalho docente nos institutos federais**. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 129-150, set./dez. 2016.

CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.) **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2017.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; VASCONCELOS, Luiz Carlos Fadel de. (Org.). **Uma ponte ao mundo. - cartografias existenciais da pessoa com deficiência e o trabalho**. Goiânia: Kelps, 2018.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREITAS, Luis Carlos. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019.



MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política – Livro I: o processo de produção do capital** [tradução de Rubens Enderle]. 2. reimpr. São Paulo: Boitempo, jul. 2014.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição.** [livro eletrônico - 2011] São Paulo, Boitempo, 2002.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. (Orgs.) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.** [livro eletrônico] Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo.** Tradutora: Rita Correia Guedes. Fonte: L'Existentialisme est un Humanisme. Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Ambientes e territórios: uma introdução à ecologia política.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

_____. **Ambientes. Conceitos fundamentais da geografia.** GEOgraphia, Niterói-RJ - vol: 24, n. 53, 2022.